

## BRASIL COM “Z”: REPRESENTAÇÕES DE LÍNGUA E IDENTIDADE DE BLOGUEIROS BRASILEIROS MIGRANTES NO EXTERIOR

BRAZIL WITH “Z”: LANGUAGE AND IDENTITY REPRESENTATIONS OF  
BRAZILIAN BLOGGERS LIVING ABROAD

BRASIL CON “Z”: REPRESENTACIONES DE LENGUA E IDENTIDAD DE  
BLOGUEROS BRASILEÑOS MIGRANTES EN EL EXTERIOR

*Márcia Aparecida Amador Mascia\**

**Resumo:** Este artigo tem como proposta investigar as identidades dos sujeitos que se encontram expostos ao impacto da globalização e das tecnologias na contemporaneidade e toma como corpus de análise falas de sujeitos brasileiros migrantes no exterior e que postam seus depoimentos acerca dessa migração nas redes virtuais. Objetivamos levantar as representações de brasileiros vivendo no exterior a respeito da Língua Materna e Língua Estrangeira e de sua relação identitária em relação a elas. Os pressupostos teóricos são tomados da Análise do Discurso de linha francesa e dos estudos sócio-culturais, no que tange ao conceito de identidade. A análise mostrou que os sujeitos buscam, ilusoriamente, ocupar o lugar do outro, a língua do outro e que o desejo de mudar de país e de conviver com outra cultura pode significar o desejo de poder escolher a lei, as regras e o próprio gozo.

**Palavras-chave:** Migrantes brasileiros; análise do discurso; identidade; blogs.

**Abstract:** This article aims to investigate the identities of subjects who are exposed to the impact of globalization and technologies in contemporary world and takes as corpus of analysis speeches of Brazilian subjects migrants abroad who post their testimonials about this migration in virtual networks. We aim to raise the representations of Brazilians living abroad about Mother Tongue and Foreign Language and of the identity relationship between them. The theoretical framework is the French Discourse Analysis and the sociocultural studies in relation to the concept of identity. The analysis showed that the subjects seek, deceptively, to take the place of the other, the other's language and that the desire to move abroad and to live with another culture can mean the desire to be able to choose the law, the rules and the enjoyment itself.

**Keywords:** Brazilian migrants; discourse analysis; identity; blogs.

### Introdução

Este século XXI iniciou com um grande movimento migratório entre cidades, estados, países e continentes: nunca se mudou tanto como hoje, o que foi facilitado pelos meios de transportes aéreos e pela comunicação entre as pessoas e povos, que se dá, principalmente, via Internet.

Novas oportunidades de empregos, de estudos, de vida no exterior são literalmente “vendidas” a nós, em propagandas veiculadas na Internet, na TV e outros meios de comunicação. Essa busca de mobilidade espacial foi propiciada pelo advento da globalização que se deu, primeiramente, em âmbito econômico, deslocando as indústrias de um país para o outro, em busca de mão de obra especializada, mas também, cada vez mais barata.

O que leva os sujeitos a deixarem o seu país, sua língua, sua família e buscarem um outro país, uma outra língua, uma outra cultura? Muitas são as razões para isso, com certeza: estudo, trabalho, guerra, questões políticas, catástrofes ambientais, dentre outras. Mas, qual seja a razão, o sujeito se lança em uma busca no sentido de procurar por uma vida melhor, em ser mais feliz, em comparação com a vida que tem no país que está deixando. Porém, as marcas da terra natal e da língua materna atravessarão para sempre o migrante.

Arelado ao projeto “Tramas discursivas do/no virtual”, este subprojeto tem como proposta investigar como são construídas as identidades dos sujeitos que se encontram expostos ao impacto das novas tecnologias na contemporaneidade (entendida por alguns como pós-modernidade), este artigo toma como corpus falas de sujeitos brasileiros migrantes no exterior, postadas nas redes virtuais, em cujos depoimentos discutem o motivo de sua migração.

Objetivamos levantar as representações de brasileiros que vivem no exterior a respeito da Língua Materna e Língua Estrangeira e de sua relação identitária em relação a elas. Postulamos que tais representações são atravessadas por outras, como da cultura materna (do país natal, Brasil, neste caso); da cultura do outro (estrangeiro). Assim, tem-se como hipótese que o migrante constrói sua identidade no embate da língua e cultura materna e da língua e cultura estrangeira, sendo eternamente dividido a partir de então.

A seguir, faremos uma discussão dos principais conceitos teóricos que subsidiam a análise, a Análise do Discurso de linha francesa (doravante ADF) e os estudos sócio-culturais, para, em seguida, empreendermos uma discussão do contexto da globalização, seguido da análise discursiva.

## **A Análise do Discurso e os estudos sócio-culturais**

Duas noções são basilares para se entender a Análise do Discurso de linha francesa: discurso e sujeito.

A análise do discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 2002, 2009) entende o sujeito como efeito de sentido do discurso e, assim, atravessado pela ideologia e pelo inconsciente, sendo que o discurso transcende o meramente linguístico e deriva do histórico-social.

No que tange ao sujeito, precisamos distinguir indivíduos de sujeitos.

Sujeitos não são indivíduos, no sentido logocrêntrico, entendidos como tendo uma existência particular no mundo, como ser humano empírico e individualizado, por sua vez, o sujeito do discurso deve ser entendido como sócio-ideológico constituído em um determinado momento da história e não em outro. Assim, os dizeres dos sujeitos são dizeres socialmente determinados e aceitos, logo o que o sujeito fala não constitui construções que nascem no próprio sujeito, mas que expressam um conjunto de outras vozes que o constitui. Não se trata do sujeito falante, mas do sujeito falando em uma determinada conjuntura sócio-histórico-ideológica (FERNANDES, 2005). O sujeito se constitui na relação com o outro e qualquer dizer nasce dessa relação, nunca no sujeito, como fonte ou origem do discurso.

O discurso constitui o objeto teórico da ADF e é entendido como produto sócio-histórico-ideológico que se manifesta em uma materialidade específica, a língua, entendida esta como prática social, cuja análise compreende os processos de produção manifestados nas materialidades linguísticas. A análise discursiva transcende o dito e pretende, também, apontar os sentidos dos não-ditos.

Assim, o papel da ADF consiste em “conceber o não dito, o efeito in *absentia* da associação, em seu primado teórico sobre a “presença” do dizer e do sintagma; o não-dito é constituinte do dizer, porque o todo da língua só existe sob a forma não finita do “não-tudo”, efeito da alíngua [...]” (PÊCHEUX; GADET, 2004, p. 58).

Segundo Orlandi (2007), a ADF é uma disciplina de entremeio: da linguística e das ciências sociais, não no sentido de aproveitamento de seus conceitos, mas por questioná-los: na linguística questiona a negação da historicidade e nas ciências sociais, a noção de transparência da linguagem. A ADF busca os processos de produção de sentido, reconhecendo a historicidade como fato determinante de sentido, o que nos impede de pensar a possibilidade de um sentido único, literal, já que o sentido é sempre interpretação. O sentido não é dado a priori, mas produzido historicamente, daí se postular que o sentido é sempre um efeito, de onde se falar em “efeitos de sentido”. Segundo Pêcheux:

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar um outro [...] Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso (PÊCHEUX, 2002, p. 53).

Nesta visão, para a AD, o equívoco não seria algo acidental ou periférico na língua, mas constitutivo e inerente ao sistema, já que o sistema é passível de falhas, faltas, buracos ou brechas pelas quais os

sentidos escapam, fogem de nosso controle, aparecem e desaparecem, ficando à deriva. O foco da ADF são os equívocos, as falhas da língua, a partir do pressuposto de que o real da língua é o real da história e que toda e qualquer análise se dá no entrecruzamento entre o acontecimento, a estrutura e a tensão entre descrição e interpretação, região de equívoco, de elipse, de falta, próprios da língua estruturada pela ordem do simbólico, instaurado este pela ideologia e pelo inconsciente (PÊCHEUX, 2002).

Do ponto de vista dos estudos sócio-culturais, "a" identidade não existe, podemos pensar, então, em identidades no plural. Autores como Hall (2005) e Bauman (2005) têm se dedicado a discutir como e porque o conceito de identidade, recentemente, tem se tornado alvo de discussões nas ciências humanas e sociais. Os autores associam o enorme interesse pelas discussões de identidade ao advento da globalização e das novas tecnologias virtuais, associadas à Internet, entendendo que tais acontecimentos alteraram, na humanidade, as noções de espaço e tempo, produzindo novas e diferentes identidades. O intercâmbio entre os sujeitos, nações, culturas tornaram-se mais intensos, ressignificando o que se entendia por identidade. De fixa, imóvel, inata, ela passa a ser vista como algo dinâmico, móvel e socialmente construída, ao longo do tempo, e os processos pelos quais ela passa seriam, para Hall (2005), da ordem da inconsciência, do imaginário ou da fantasia. Para o autor:

em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. (HALL, 2005, p. 39, grifos do autor).

Assim, a "identidade" existiria apenas como processo, como movimento, como fantasia, preferindo o autor, o uso do termo "identificação". Contudo, os sujeitos, na ânsia de uma unidade, mesmo transitória, acabam construindo discursivamente, um sentido de unidade para si, ou seja, "identidades" sociais que, quando narrativizadas, dão sentido aos sujeitos, em relação ao passado, presente e futuro. Segundo o autor, a língua e a cultura é que dão essa noção de unidade linguística e cultural, sendo o sujeito suturado, para usar uma imagem do autor, na estrutura social, ou seja, utopicamente "conectado" ao mundo social por ele habitado. No entanto, essas almeçadas identidades unitárias encontram-se "em colapso", em nosso mundo, da globalização e do mundo virtual, que faz emergir uma gama muito grande de identidades, paradoxais, contraditórias e/ou não resolvidas, para um mesmo sujeito.

Segundo Bauman (1999; 2004; 2005), o sujeito busca

desesperadamente se identificar, tendo como “pano de fundo” uma sociedade cada vez mais fluida e como os conceitos, preceitos e valores se movem, ele também se moverá, construindo múltiplas identificações, coerentes e coesas a um determinado momento, mas incertas e inadequadas a outro. Assim, o sujeito vai construindo múltiplas identidades (no plural), movidos pelo desejo de uma ficção de “si” estável.

Tomando como referencial teórico metodológico a ADF e os estudos culturais, acerca do conceito de identidade, passaremos, a seguir, ao contexto social, a globalização.

### **Globalização: uma questão polêmica**

Considerando-se o contexto atual em que ocorrem as migrações de um país para o outro, a globalização, conforme acenamos na introdução deste artigo, contexto este em que se dão as interações dos sujeitos de pesquisa, apresentaremos, neste item algumas problematizações e nossa posição frente ao fenômeno da globalização.

Iniciamos com as palavras de Bauman (1999) que define globalização nos seguintes termos:

Para alguns globalização é o que devemos fazer se quisermos se felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para tantos, porém, “globalização” é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo “globalizados” – e isso significa basicamente o mesmo para todos. (BAUMAN, 1999, p. 7).

O autor define, neste trecho, globalização através de suas consequências, sendo que o caráter de irreversibilidade ou destino parece ser o mote de sua definição. Assim, a globalização nos é apresentada como algo “natural” da humanidade, e não fruto do momento histórico-social.

Com o intuito de abrir discussões em torno do contexto da globalização e tentar verificar como os seus sentidos nos afetam como sujeitos viventes no século XXI, traremos duas visões, uma denominada como cética e outra como globalista.

A globalização pode ser vista a partir dessa lente cética como um projeto em prol da homogeneização, ou seja, aquilo que é por nós muito bem conhecido: o mundo transformado em uma aldeia global, a saber, num único eixo econômico e político e, portanto, ideológico. Segundo Usher e Edwards:

Esses [os céticos] vêem a globalização como uma ideologia e enfatizam como uma de suas mais fortes consequências o fortalecimento da homogeneização, o desrespeito às

culturas locais, o agravamento da discriminação racial, cultural e religiosa, o acirramento das relações de poder, o aprofundamento do fosso já existente entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos, tornando estes cada vez mais dependentes daqueles, cada vez mais submissos a aspectos culturais importados e cada vez mais enfraquecidos na esfera econômica, sofrendo na própria pele as consequências imediatas das crises, das guerras, das medidas econômicas em outros países, ainda que sejam do outro lado do mundo (USHER; EDWARDS, 1994 apud CORACINI, 2003, p. 101).

Por outro lado, encontramos aqueles para os quais a globalização pode ser entendida como um fenômeno histórico-social da contemporaneidade, podendo "significar em uma solução para a discriminação, para o isolamento de alguns, garantindo direitos iguais e igual acesso à informação e aos bens produzidos" (CORACINI, 2003, p. 101). Essa visão, conhecida como "globalista" é explicada nos seguintes termos em Held e McGrew (2000-2001):

Os globalistas consideram que a globalização contemporânea é um acontecimento histórico real e significativo, consequência da crescente inter-relação das questões humanas e da interdependência acelerada, entendida como a intensificação do entrelaçamento entre economistas e sociedades nacionais, de modo que os acontecimentos de um país têm um impacto direto no outro (HELD; MCGREW, 2000-2001, p. 9).

Podemos depreender que os céticos se distinguem dos globalistas em um ponto primordial, no que tange à ideologia: enquanto que para os primeiros, a globalização consiste em um mecanismo de controle e de poder, para os segundos, ela encontra-se isenta de ideologias, mas em torno da inteligência artificial e do mundo virtual da informática, de compressão tempo/espço.

A nosso ver, nenhuma das posições dá conta de explicar o fenômeno da globalização integralmente. Se, por um lado, pode-se dizer que este é fruto do momento histórico-social, o que nos aproxima da posição globalista, por outro, não podemos ignorar as implicações ideológicas, ou seja, as relações de poder-saber e os regimes de verdade construídos no/pelo discurso da globalização, o que nos identifica com a posição cética. Assim, concordamos com Coracini (2003) quando diz que:

Talvez ambas as posições estejam certas e nenhuma em particular com toda a razão. Pode-se dizer que o discurso da globalização reflete o momento histórico social que atravessamos, da miscigenação, da interpenetração dos polos, do conflito provocado pelo atravessamento de

vozes dissonantes, heterogêneas que mesclam o desejo de unidade e sua impossibilidade, o direito e o avesso, o centro e as margens, apagando as fronteiras, tornando-as fluidas e arbitrarias, entre os povos e as nações, os grupos e os indivíduos (CORACINI, 2003, p. 102).

Esse conflito de vozes pode ser apontado nos recortes discursivos que serão, a seguir, analisados.

## Análise

Considerando-se a importância da Internet no momento contemporâneo, fizemos uma busca, no sentido de levantar as representações de brasileiros que vivem no exterior sobre o Brasil e sobre o país no qual vivem, levando em conta a língua e a cultura. Começamos pelo Facebook, já que recebemos quase que todo dia notícias, comentários, links de amigos e parentes que vivem no exterior, externando suas impressões e sentimentos sobre o Brasil e o país no qual estão vivendo. Nessa busca, deparamo-nos com um blog: Brasil com z: <http://brasilcomz.wordpress.com/>

Trata-se de um blog no qual brasileiros, moradores no estrangeiro, postam suas experiências. O logo do site apresenta-se em cores que vão, como em um arco-íris, do vermelho (à esquerda) ao azul (à direita), como a seguir:

Figura 1: Brasil com Z



Fonte: <http://blogbrasilcomz.com/sobre-brasil-com-z>

Na Figura 01 consta ainda a seguinte chamada:

RD1<sup>1</sup>:

Bem-vindos ao BRZ!

Um blog de brasileiros vivendo em diferentes cantos do planeta. Experiências, curiosidades e dicas de como não passar aperto em terras estrangeiras.

Boa Viagem!

Inicialmente, chamamos atenção à gradação das cores, dando conta de nos fazer visualizar todas as cores, do vinho ao azul, passando pelo vermelho, laranja, amarelo e verde, como se essas significassem todos os países do planeta, ou todos os cantos do planeta Terra, no qual se encontram brasileiros.

Por sua vez, Brasil com "z" faz referência ao nome em inglês: Brazil. O nome do blog é bem sugestivo, pois mantém a identidade, afinal, é Brasil ainda, porém, incorporando, mesclando, miscigenando, através da letra "z", aquilo que é da ordem do estrangeiro. Assim, tanto as cores, como o nome do blog e, também, a chamada apresentam esse sujeito dividido entre o seu país e cultura e o país e a cultura estrangeira: brasileiros vivendo em "terras estrangeiras". Trata-se de um sujeito fora de sua terra, mas que através do blog sente-se em casa, em sua terra, desterritorializada neste caso, na Internet.

Dentre as múltiplas experiências e dicas de brasileiros que postam no blog, escolhemos uma que tenta responder à seguinte questão: Vale a pena morar no exterior?, postada em 03/04/2011. A chamada a essa questão é acompanhada do seguinte texto, por Glenda di Muro:

RD 2:

Quem é leitor assíduo do **Brasil com Z** sabe (e quem não é acaba de ficar sabendo) que somos um bando de brazucas espalhados pelo mundo todo. Embora a maioria se concentre pelo Velho Mundo, já tivemos colaboradores da Austrália, Canadá, Argentina, Nova Zelândia, Índia, Venezuela, Estados Unidos, Costa Rica...

Muitos de nós, graças principalmente ao *Google*, acabamos virando uma espécie de psicólogo+consultor+melhor amigo de quem pretende sair do Brasil. É tanta pergunta que nos fazem, desde marcas de shampoo até homologação de diploma! Mas tem uma específica que mais cedo ou mais tarde, a maioria acaba perguntando: **vale mesmo a pena morar no exterior?**

E alguns dos expatriad@s do Brasil com Z tentaram responder:

Ao fazer referência a si (no plural, neste caso, incluindo todos os brasileiros morando fora), a blogueira usa a seguinte expressão: somos um

bando de brazucas espalhados pelo mundo todo. Chamamos a atenção ao substantivo no coletivo usado de modo informal "bando", como se fossem aves, ou outros animais e também ao neologismo "brazucas"<sup>2</sup>, que toma o mesmo radical do nome do país, Brasil, mas muda o "s" pelo "z", fazendo referência ao nome do blog e ainda termina com o sufixo "uca", significando "brazuca" "o brasileiro que reside no exterior". Trata-se de um termo não dicionarizado, mas muito usado na Internet de modo informal. Ainda neste enunciado, encontramos o particípio passado do verbo "espalhar", "espalhados", usado na forma predicativa, adjetivando "brazucas", para o qual podemos postular alguns efeitos de sentido, dentre eles, de um povo esparramado, disperso, solto, ou ainda, debandado, desunido, ou seja, pessoas que deixam sua terra e passam a viver em outras.

No recorte acima, vemos o papel atribuído a si pelos blogueiros, de psicólogo+consultor+melhor amigo de quem pretende sair *do Brasil*. Tal papel foi possível, segundo a postadora, pelo advento do Google. Ao final do recorte, encontramos um outro termo que faz referência aos brasileiros moradores no exterior: *expatriad@s*, com "arroba" @, no lugar do artigo, o que pode significar referência tanto ao masculino como ao feminino e, também, que tais sujeitos, embora, vivendo "fora da pátria", ainda assim, podem se encontrar no ciberespaço.

Dentre as múltiplas "dicas" à questão colocada: vale mesmo a pena morar no exterior, apontamos algumas respostas, como a que se segue:

RD 3:

A minha experiência é de que "Sim! Vale muito a pena morar no exterior". Vai ser um ótimo exercício mental sair da sua zona de conforto, experimentar novos sabores, novos climas, ouvir novos acentos. Desligar-se de velhos hábitos, adquirir novos. Aprender a pronunciar sons que você não sabia que podia fazer. Se expressar verbalmente com um novo tipo de lógica. Ver que o sol percorre outro caminho no céu, nunca ficando a pino. Ver que as pessoas nascem e morrem de outra maneira. [...] Sim, ir morar no exterior é como experimentar uma espécie de morte e começar uma nova vida. "Morte" que pode ser atenuada pela internet, voos ocasionais para o Brasil e um aipim ou feijão preto amigo encontrado em lojas asiáticas. Agora, se você gosta de ser monoglota e tem zero talento pra línguas estrangeiras, quer poder sempre ver seus antigos amigos, pais e familiares com facilidade, já tem um ótimo emprego/carreira, a-do-ra o clima quente e não liga para as mazelas políticas e sociais do Brasil... então, não. Não amigo. Não vale a pena morar no exterior. Nem por um segundo. (Anita desde 1999 na Holanda).

Chama-nos atenção o fato de serem poucos os depoimentos, no site, que fazem referência à língua, ou melhor, aos conflitos linguísticos,

quando da ida dos brasileiros ao exterior. De modo geral, a questão da língua encontra-se vinculada às questões culturais, o que concordamos com os blogueiros. Língua e cultura são duas faces da mesma moeda: impossível se pensar a língua fora da cultura de um povo e vice-versa.

Dentre os trechos deste excerto, destacamos, logo de início, o uso de um estrangeirismo: ouvir novos acentos. O sujeito, provavelmente, está se referindo a "accent", palavra, em inglês que significa em português "sotaque ou pronúncia". Assim, postulamos que a blogueira quis dizer ouvir outros sotaques, outras pronúncias, outras línguas, outros modos de expressão, entendendo isso como a ampliação dos horizontes da pessoa. Dando continuidade ao excerto, o sujeito enuncia: Aprender a pronunciar sons que você não sabia que podia fazer. Se expressar verbalmente com um novo tipo de lógica, referindo a aprender outros hábitos. Ou seja, a questão da língua aparece como a oportunidade de recortar o mundo diferentemente, com outra racionalidade, mas também se refere a usar o aparelho fonador de outro modo, experimentar outros sons possíveis, mas desconhecidos na língua materna do sujeito. Concordamos com Revuz (2006), para quem o aprendizado de uma língua estrangeira coloca o sujeito:

Em uma situação de não saber absoluto, é retornar ao estágio de *infans*, de neném que não fala ainda, (re)fazer a experiência da impotência de se fazer entender. O sentimento de regressão associado a essa situação é reforçado quando a aprendizagem privilegia, no início, como acontece frequentemente, um trabalho exclusivamente oral focalizando os sons e ritmos. Tentar pronunciar o "r" francês, o "j" espanhol, o som de "th" do inglês, é proporcionar uma liberdade esquecida ao aparelho fonador, explorar movimentos de contração, relaxamento, abertura, fechamento, vibração que produzem, ao mesmo tempo que os sons, muitas sensações surpreendentes no plano dessa região bucal, tão importante no corpo erógeno. (REVUZ, 2006, p. 221).

Assim, o enunciado pronunciar sons que você não sabia que podia fazer consiste nessa possibilidade de experimentação de novas experiências de corpo, como os sons emitidos pela boca, como nos assevera Revuz.

Mais à frente, no excerto, a blogueira associa o início da vida no exterior à morte e ao renascimento: Sim, ir morar no exterior é como experimentar uma espécie de morte e começar uma nova vida. Para viver completamente essa experiência de vida fora de terra natal é preciso esquecer o seu país e renascer no estrangeiro. A blogueira termina alertando aos monoglotas e àqueles que têm talento zero para as línguas estrangeiras não se aventurarem a viver no exterior, pois se sentirão muito infelizes.

Do exposto, para se viver bem no exterior e aprender uma língua estrangeira é preciso esquecer-se quem se é, é preciso morrer para poder renascer. Tal postulação da blogueira faz interlocução com Revuz quando diz que: "Esse estranhamento do dito na outra língua pode tanto ser vivido como uma perda (até mesmo como uma perda de identidade)" (REVUZ, 2006, p. 224), ou ainda, conforme afirma a mesma autora: "O eu da língua estrangeira não é, jamais, completamente o da língua materna" (REVUZ, 2006, p. 225).

Em outro momento, no blog, encontramos o seguinte texto postado, ainda no sentido de trocar dicas ou experiências com aqueles que queiram se mudar para a Inglaterra. O texto se denomina: "O gramado do vizinho é sempre mais verde" e foi postado em 25/05/2012 por Thiago Fernandes, brasileiro e morador de Liverpool, Inglaterra. Embora o texto traga dicas de vários temas, como "visto", "inglês", "prós e contras", recortamos o trecho que se refere à língua:

RD 4:

INGLÊS

Meu conselho é estude o MÁXIMO de Inglês que você puder antes de vir, tente ir aos lugares aonde os "locais" vão, assista bastante TV Inglesa, leia o jornal local, tente fazer amizade com Britânicos, coma a comida regional (na minha opinião não há nada melhor que um "Full-English" breakfast em uma manhã de domingo), tente se integrar ao máximo à cultura e aprenda tudo o que você puder sobre os costumes locais, gírias da região, enfim... britanize-se!

Após um longo depoimento de Thiago, comentando sobre os estrangeiros que moram na Inglaterra e mesmo no Brasil e que não se aculturaram, detivemo-nos no recorte discursivo acima que tematiza a questão da língua e da cultura/identidade do migrante. Considerando-se que este blog consiste em um lugar para dar conselhos, entre outras coisas, Thiago começa usando o termo "conselho", para o estudo da língua: Meu conselho é estude o MÁXIMO de Inglês que você puder antes de vir. O estudo é enfatizado pelo uso de letras maiúsculas, o que em internetês significa gritar para o interlocutor. Além do estudo da língua, ele sugere se aproximar de britânicos e da comida britânica, mostrando, como exemplo, que ele adora o café chamado de "Full-English breakfast". Tal fato se apresenta antes de o blogueiro deixar claro ao interlocutor interessado em ir residir na Inglaterra que é preciso se integrar ao máximo à cultura. A escolha pelo verbo "integrar" faz eco ao que Anita, em RD 3 acena quando usa a metáfora da morte e do renascimento para os sujeitos que optam por viver em outro país. O recorte acima termina com a máxima: enfim... britanize-se! Ou seja, o sujeito deve deixar de ser "brasileiro", neste caso, e assumir outra identidade que se apresenta, do ponto de vista da

materialidade linguística com um neologismo, ou seja, um substantivo pátrio, "britânico", passa por um processo deverbal, transformado em verbo, de ação-processo, "alguém torna-se ou transforma-se em outro alguém", "um brasileiro torna-se um britânico, ou seja, britaniza-se". Trata-se daquilo que Revuz entende como ruptura, nos seguintes termos:

Vemos aqui toda a ambiguidade de Babel. Ao separar os homens de maneira radical, ela cria, também, o espaço para uma diferença legítima: aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se um outro. Essa dupla experiência de ruptura ou perda e de descoberta ou apropriação é mais violenta quando ela é acompanhada de uma ruptura real (emigração, estada no estrangeiro), mas está presente também, de modo mais silencioso, mesmo nas aprendizagens mais esparsas e escolares (REVUZ, 2006, p. 227).

A experiência de ruptura ou perda que nos fala Revuz remonta à morte, descrita por Anita, e à "britanização", aconselhada por Thiago àqueles que procuram o blog para saber se afinal vale mesmo a pena morar no exterior.

Essa morte, em termos de língua, é, ainda, postulada por Melman, para quem "saber uma língua quer dizer ser falado por ela" (1992, p. 15), ou seja, ela é quem fala em nós. Ou, citando Prasse (1997, p. 72), estamos sempre desejando o gozo do outro, pois postulamos que se "ele não parece falar como nós, logo, talvez, goze melhor". Segundo a autora:

o desejo pelas línguas estrangeiras, o desejo de aprender, de saber falar uma outra língua, se alimenta de duas fontes aparentes que, no fundo, não passam de um só: inveja dos bens e da maneira como gozam os outros, e inquietação por uma desordem, inquietação de não estar no lugar necessário, de não poder encontrar seu próprio lugar na língua materna, uma interdição necessária para situar o desejo (PRASSE, 1997, p. 71).

Assim, ao ocupar, ilusoriamente, o lugar do outro, ou do discurso do outro, o sujeito se estranha e se re-significa (morre, britaniza-se) e, em última instância, parece-nos que o desejo de mudar de país, conviver com outra cultura, aprender e falar uma LE "pode ser um desejo de ter escolha, de poder escolher a lei, as regras e muitas vezes o mestre de nosso gozo" (PRASSE, 1997, p. 72), o que postulamos neste artigo.

Assim, tanto em RD 3 quanto em RD 4, pode-se depreender que o estrangeiro se apresenta como a possibilidade de uma nova vida, uma nova identidade, uma nova terra, uma nova língua, algo extremamente desafiador: ver e ser visto como o outro, falar e ser falado pela língua do

outro, morrer e renascer como o outro, o estrangeiro: um sonho, uma utopia, um desejo, uma ilusão que cada vez mais encontramos nos sujeitos que habitam o momento contemporâneo, de globalização e intensificação dos movimentos migratórios. Não podemos deixar de pontuar que a Internet intensificou esses movimentos migratórios, ou pelo menos, socializou os efeitos desses movimentos, antecipando aos navegadores interessados em saber o que há do outro lado, no outro país. E este blog "Brasil com Z" consiste em um fio nessa febre discursiva cibernética de compartilhar experiências, angústias, sucessos e fracassos no exterior.

### **À guisa de conclusões**

Vivemos em uma era na qual ir e vir entre um país e outro é coisa de poucas horas, também, a possibilidade de deixar um país e viver em outro mesmo temporariamente, seja a serviço, seja para aprender uma outra língua ou cultura, através de intercâmbio, também, se tornou coisa corriqueira. E a comunicação, a troca de experiências, seja pelas redes sociais, seja por blogs, dentre os múltiplos canais propiciados pela Internet, se dá praticamente em tempo real, alguém posta alguma coisa que é imediatamente lido por outra pessoa do outro lado do planeta que curte, comenta, concorda, discorda e, assim por diante, em uma rede de comunicação sem fim.

Por sua vez, a migração entre países é potencializada como efeito da globalização e, também, da facilidade de meios de transporte e de informações pela Internet. A migração para um novo país não significa apenas uma mudança de espaço, de lugar, mas afeta a subjetividade dos sujeitos que migram e dos que acolhem. Em nosso caso, analisamos as representações daqueles que migraram e colocaram depoimentos na Internet, através de um blog idealizado para o encontro de brasileiros moradores no exterior.

A vivência no estrangeiro, dentre elas o aprender uma Língua Estrangeira (LE), é sempre acompanhada de um investimento psíquico, podendo ser de sofrimento ou de gozo. De sofrimento, para aqueles que não conseguem se aculturar, vivendo no exterior, mas sempre acompanhado do falante de sua própria língua e cultura, como nos aponta Thiago, em seu depoimento, e de gozo, para aqueles se aculturam, se britanizam, conforme os depoimentos analisados neste artigo.

Aprender uma LE significa muito mais do que apreender um novo código, mas se deslocar, romper com a Língua Materna, ou melhor, romper com o próprio corpo e se lançar a novos sons, novos sentidos, novos modos de pensar, de sentir e de se entender. Os sujeitos se identificam com o estrangeiro, com sua língua, com sua cultura, com sua comida e essa identificação se dá de ordem contraditória. Se a identificação se

dá pela diferença e pelo olhar do outro que diz quem eu sou, o nosso questionamento neste trabalho consistiu em apontar os efeitos de sentido que emergem dos depoimentos, no blog Brasil com Z a respeito de si e do outro, no que tange à língua e cultura. Quem é o outro para o brasileiro que vive no exterior? O estrangeiro, mas também, o brasileiro que vive no Brasil e que procura no blog informações sobre esse outro, o estrangeiro.

Assim, ao falar de si, como imigrante no exterior, nossos sujeitos falam do estrangeiro e falam do brasileiro que vive no Brasil e do Brasil: o clima, as mazelas políticas, a comida, a língua. Mas um ponto foi comum em ambos os sujeitos analisados: que, para viver verdadeiramente no exterior é preciso fazer morrer o seu lado nativo, em termos de língua e cultura, no sentido de se aculturar ao novo país, língua e cultura.

## Notas

\* Doutora em Linguística Aplicada. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco. E-mail: marciaaam@uol.com.br

<sup>1</sup> RD consiste em recorte discursivo.

<sup>2</sup> Como curiosidade, encontramos, na Internet, "brazuca" (Adidas Brazuca) como o nome oficial da bola de futebol a ser utilizada na Copa do Mundo FIFA de 2014, a ser realizada no Brasil. A expressão "brazuca" significa "brasileiro" e descreve o modo de vida do país. As cores e o design dos seis painéis da bola foram inspirados nas fitas da sorte do Senhor do Bonfim da Bahia e simbolizam a paixão e alegria associadas ao futebol no Brasil. A Brazuca, fabricada pela Adidas, terá a missão de substituir a Jabulani, que ficou famosa nos gramados da África do Sul em 2010. <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2013/12/com-missao-de-substituir-jabulani-brazuca-e-apresentada-no-rio.html>

## Referências

BAUMAN, Zigmund. **Globalização: As Conseqüências Humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. O discurso da Linguística Aplicada e a questão da identidade: entre a modernidade e a pós-modernidade. In: CORACINI, Maria José, BERTOLDO, Ernesto Sérgio (Orgs.). **O Desejo da Teoria e a Contingência da Prática (Discursos sobre/na Sala de Aula)**. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p. 87-115.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HELD David; MCGREW, Anthony. **Prós e contras da globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000/2001.

MELMAN, Charles. **Imigrantes**: incidências subjetivas das mudanças de língua e país. São Paulo: Escuta, 1992.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Ed. Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009.

\_\_\_\_\_. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. 3. ed. Campinas: Ed. Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. **A Língua inatingível**. Campinas: Pontes, 2004.

PRASSE, Jutta. O desejo das línguas estrangeiras. **Revista Internacional**, Rio de Janeiro, n. 1, Companhia de Freud Editora, p. 63-73, 1997.

REVUZ, Christine. A Língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Lingua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2006, p. 213-230.

USHER, Robin; EDWARDS, Richards. **Postmodernism and Education**. Nova York: Routledge, 1994.

Recebido em: junho de 2014.  
Aprovado em: setembro de 2014.

